

TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO



TEATRO SÃO JOÃO
13—16 MAR 2025

A Médica de Robert Icke

encenação

Ricardo Neves-Neves

tradução
Ana Sampaio

figurinos
Rafaela Mapril

cenografia
Fernando Ribeiro

desenho de luz
Cristina Piedade

sonoplastia
Sérgio Delgado

ilustração
de adereços
José Cruz

assistência
de figurinos
Elisabete Guerreiro

assistência
de encenação
Diana Vaz
José Leite

apoio à assistência
de encenação
e apoio de palco
Pedro Deus
Santiago Galvão

fotografia
cartaz e spot TV
Pedro Macedo /
Framed Photos

fotografias de cena
Alípio Padilha

produção executiva
e apoio de palco
Rita Machado

direção
de produção
Nuno Pratas

interpretação
Adriano Luz
Custódia Gallego
Eduarda Arriaga
Igor Regalla
Inês Castel-Branco
José Leite
Luciana Balby
Maria José Paschoal
Pedro Laginha
Rita Cabaço
Sandra Faleiro
Vera Cruz

produção
Teatro da Trindade INATEL
Teatro do Eléctrico

coprodução
Culturproject
Cineteatro Louletano
Teatro Nacional São João

agradecimentos
Artur Guimarães
António Andrade Santos
Mafalda Simões
Teatro da Comuna

estreia **12 Dez 2024**
Teatro da Trindade INATEL
(Lisboa)

dur. aprox. **2:00**
M/12 anos

qui+sáb **19:00**
sex **21:00**
dom **16:00**

“Essa dúvida constante sobre coisas tremendas”

ENTREVISTA A RICARDO NEVES-NEVES
POR SÓNIA CASTRO*

Uma protagonista forte, com as suas fragilidades, encabeça um drama com várias camadas, que gera discussão sobre diversos temas que estão na ordem do dia. Assim se pode caracterizar *A Médica* [*The Doctor*, 2019]. Enquanto encenador, qual é a sua visão sobre esta peça de Robert Icke?

Neste texto há nervos constantes à flor da pele, com personagens apaixonadas pela sua profissão, pelas suas convicções, mas tem um princípio trágico, que é a morte de uma menina num hospital. O confronto entre a médica e o padre pode ser entendido como um género de braço de ferro da medicina e da ciência com a religião. Eu penso que o lado engenhoso deste texto é precisamente o facto de não dar respostas. É o próprio espectador que pega nas várias peças do *puzzle* e encontra dentro de si uma resposta. Se conseguir encontrar uma! Acredito que é um ponto de partida interessante, essa dúvida constante sobre coisas tremendas, como é o caso da ciência e da religião, mas que deriva para outras questões, como a sexualidade, a identidade, o racismo. *A Médica* também fala da forma como lidamos com todos os nossos preconceitos e tiramos conclusões precipitadas sobre aquilo que conhecemos mal.

Isso leva-me a outra questão que o espetáculo evidencia: a desinformação digital.

Sem dúvida. No caso da gravação que o padre faz no hospital e que se torna viral, assistimos a um efeito bola de neve. É um género de retrato da opinião pública, daquilo que é divulgado nas redes sociais, na comunicação social: a informação incompleta, meio perdida. Há uma expressão do espetáculo de que gosto muito: “Pessoas sentadas em casa a berrar para a Internet.” Pessoas que têm uma opinião vincada sobre uma coisa de que conhecem pouco. Têm opiniões agressivas que podem mudar, de forma profunda, a vida de uma pessoa. E nós vemos uma personagem colossal,

gigante, a desfazer-se, a fragilizar-se com essa agressividade por parte de desconhecidos.

Este é um texto intenso, comovente, perturbador, muito diferente da maioria das suas encenações – como o espetáculo *Noite de Reis*, para dar apenas um exemplo. Comédia pura, ao contrário de *A Médica*. Há grandes diferenças nos processos de trabalho?

Curiosamente, no dia da estreia de *Noite de Reis*, o Diogo Infante e eu combinámos este espetáculo! Aquilo que me atrai no teatro, em geral, é um género de ponto de partida trágico. Aquilo que eu tenho feito nos outros espetáculos é transformar esse princípio trágico numa derivação que depois resulta em comédia. Aqui, o princípio trágico acentua-se e vibra ao longo de todo o espetáculo. É um género de alínea nova no tipo de trabalho que tenho feito. E entusiasma-me também variar, ou ter experiências novas na sala de ensaios, poder apresentar um ponto de vista sobre aquilo de que gosto.

Robert Icke joga com os pressupostos do público quando vê um espetáculo. Se, habitualmente, o espectador assume que a identidade física da personagem é a mesma do ator, em *A Médica* vai perceber que nem sempre características como género, etnia ou idade correspondem às das personagens que os atores interpretam. Esta imposição do ator constituiu um desafio?

Ele pede propositadamente para nos desviarmos e, de forma muito evidente, não fazermos corresponder as características físicas do ator com as da personagem. Para mim, não representou uma dificuldade. É até um ponto de vista interessante sobre o que o espectador vê. Ele vê a personagem, aquilo que a personagem é, a forma como existe, como ela própria se descreve e os outros a descrevem, ou vê o ator? Possivelmente, num primeiro momento, vê o ator, mas à medida que vai conhecendo a personagem, ela torna-se maior do que o ator. Ou seja, se eu vejo uma atriz, vou presumir que aquela personagem é uma médica mulher. Mas a partir do momento em que ela diz que é um homem, que se deve tratá-la no masculino, então vou entendê-la como um médico homem.

O Robert Icke propõe essa experiência, que vejo como uma espécie de laboratório teatral, permitindo-nos, a nós que fazemos o espetáculo e ao espectador, perceber a questão da identidade do ator face à identidade da personagem: se é ou não uma necessidade artística haver uma correspondência mútua imediata, ou se é uma coisa que pode ser pensada de outra forma. ■

* Entrevista publicada originalmente no programa de sala de *A Médica*, do Teatro da Trindade INATEL, com o título “Neste texto há nervos constantes à flor da pele”, em dezembro de 2024.

“O teatro é contradição”

ENTREVISTA A **ROBERT ICKE**
POR **KALLY PATZ***

Kally Patz Sempre que ouço a palavra “destino”, perco o interesse, porque não me parece nada relacionada com a minha vida. Mas quando assisto às suas peças, sou assaltada pela ideia de que o destino é a questão mais importante de todas, já que é sobre quem somos e se conseguimos escapar à nossa própria cilada.

Robert Icke Alguém em *Antígona* diz algo como: “Carácter é destino.” Quem somos determina o que vamos fazer e o que acontece de seguida. Édipo é o mais extraordinário solucionador de enigmas. Alguém que pode solucionar os problemas dos outros e que o faz. Encontra a solução para o seu próprio enigma e é por isso que tudo se desmorona. Há uma palavra grega, *deínós*, que significa maravilhoso, mas também terrível. A implicação é a de que há um estreito paralelo entre ser-se maravilhoso e terrível. Em qualquer dos casos, está-se fora da moldura da sociedade e o momento em que dela se sai é perigoso.

KP Qual é a moldura em *A Médica*?

RI Uma forma de pensar nela é como uma peça sobre grupos e indivíduos. A pergunta-parangona é: o que é a identidade e quando é que nos serve? Seria impossível esgrimir

de forma persuasiva a ideia de que a identidade é um disparate e nada útil. Mas há também o que se chama a cultura do cancelamento, algo de muito antigo, na minha opinião. Usamos tecnologia moderna para a levar a cabo, mas a cultura do cancelamento existe há muito tempo. Há qualquer coisa na identidade de grupo que se sintoniza com o propósito de anular a diferença ou ideias opostas: a criação de laços num grupo pela perseguição do indivíduo. As perguntas passam então a ser estas: quem são estas pessoas? Como é que se tornam nesse alguém fora do grupo? Aquele em quem tanta coisa se projeta? A pergunta virada do avesso é esta: que tipo de pessoa temos de ser para não agirmos em conformidade nesses momentos? É isso que acho muito interessante. As pessoas não param de dizer à Piedade que deve ceder e pedir desculpa. Mas ela contrapõe: “Não pertenço a nenhum grupo. Não sou de grupos. Sou médica.”

KP É-me difícil até nomear o crime de Piedade. É isso que acho tão interessante em Édipo, não sabemos bem por que razão é julgado. Apontam-se-lhe tantos crimes que é difícil isolar uma acusação em particular. Para mim, isso é o que torna a tragédia grega tão próxima da vida real, porque muitas vezes não sabemos de onde a nossa culpa e vergonha vêm.

RI É isso mesmo. Entrei pela primeira vez num tribunal quando estava a preparar *Oresteia*. Segui o julgamento de uma mulher que tinha matado os filhos. Antes de começar, pensei que decidiria entre culpada ou inocente. O que foi terrível perceber é que tudo influenciava tudo. A equipa de acusação e o agente da polícia eram mulheres, mas o juiz era homem, assim como os advogados de defesa. Se fosse ao contrário, tudo seria diferente. Que alívio não ter de ser eu a decidir. Sinto-me sempre muito perturbado pela dificuldade de decisão, pela sua impossibilidade. No teatro, é meu dever alargar o mais possível o âmbito das questões e resistir à tentação de dar respostas fáceis. No fundo, as respostas fáceis são desonestas. Há hoje um grande desejo de as obras de arte oferecerem celebração, consolo e conforto. Não vejo problema nisso. Mas muitas vezes penso: “Estão a mentir-nos.”

KP Não gosto que me digam que as coisas são mais fáceis do que me parecem. Não me é útil. O que se faz com essa ideia no mundo real?

RI Há algo de útil em enfrentar o nosso medo, mesmo que seja uma versão a fingir desse medo. É como tomar uma vacina que nos injeta um pouco do medo que tememos. Permite-nos processá-lo, começar a imaginar. Há algo de perturbador nessa área cinzenta; tantas peças que admiro passam-se aí. Por exemplo, quando Hamlet sabe que vai morrer, entra na vertigem de um solilóquio e diz: “A vós que, pálidos, perante este passo tremeis,/ [...] Tivera eu tempo [...] podia, ah!, contar-vos.” Queremos ouvir mais e ele prossegue: “– que este guarda azedo, a Morte,/ É estrito nas prisões [...]/ Mas pouco interessa. Estou morto.” O quê? Que leitura fez ele de si e do que lhe aconteceu?

KP É apenas a ilusão de pensarmos que, se as circunstâncias fossem diferentes, seríamos capazes de responder a essas questões difíceis. É como quando o Tio Vânia diz: “Se eu tivesse tido uma oportunidade, seria Dostoiévski.”

RI É terrível.

KP Depois, alguém diz a Vânia: “Somos quem somos.” Querendo dizer, nunca seremos ninguém diferente. Para mim, essa é a tragédia de *Tio Vânia*: conciliarmo-nos com o facto de sermos apenas nós e mais ninguém. Não poderia ter sido diferente.

RI E quanto ao conflito no nosso interior? E se houver duas versões de nós próprios, ou dez? Como se explora a nossa contradição inata? O teatro é excelente para discutir isso. O teatro é contradição, como quando duas pessoas defendem argumentos opostos. É aí que o teatro começa. É um belo lugar para se estar. Uma espécie de lugar profundo, dentro do não-saber.

KP Perto do fim de *A Médica*, Piedade já não exerce e sem essa identidade de médica não lhe sobra muito, já que se apoiou nela durante tanto tempo. Acha que sobraria muito de si se não fosse encenador?

RI Sobraria bastante. Ficaria muito triste durante algum tempo, mas não é impensável, nem sequer improvável. Sou de uma parte de Inglaterra nada endinheirada e sempre soube que poderia haver uma possibilidade real de não fazer o que faço.

KP Como é que as partes de si que existem através do teatro poderiam subsistir nessa vida alternativa?

RI É uma boa pergunta. Provavelmente reciclar-me-ia como psicanalista. Sinto uma curiosidade infinita sobre a estranheza dos seres humanos, uma vontade de perceber porque fazem o que fazem. Isto vai parecer esquinado ou conversa de artista, mas para mim as pessoas são um pouco como poemas. A experiência que temos delas é relativamente limitada, por vezes não as compreendemos de todo. É preciso ir à procura de algum detalhe que nos permita entendê-las de uma forma que faça sentido. ■

* Entrevista publicada na revista norte-americana *BOMB*, em 25 de julho de 2023.

Trad. **Fátima Castro Silva**.

produção executiva
Inês Sousa

direção de palco
Emanuel Pina

adjunto do diretor
de palco
Filipe Silva

direção de cena
Andrea Graf

luz
Filipe Pinheiro
(coordenação)
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Marcelo Ribeiro
Nuno Gonçalves

maquinaria
Filipe Silva
(coordenação)
António Quaresma
Carlos Barbosa
Joel Santos
Jorge Silva
Nuno Guedes
Paulo Ferreira
Telma Moreira

som
Joel Azevedo
(coordenação)
António Bica

vídeo
Fernando Costa

APOIO



AGRADECIMENTOS

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

Edição
Teatro Nacional São João

coordenação
Fátima Castro Silva

fotografia
Alípio Padilha

design gráfico
João Faria/Drop

impressão
Mota & Ferreira, Lda.

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar
durante o espetáculo.
O uso de telemóveis
e outros dispositivos
eletrónicos é incómodo,
tanto para os intérpretes
como para os espectadores.

“Neste momento, tu és um vírus no meu cérebro.”



O TNSJ É MEMBRO



Com o apoio de:

